

O calor, o abandono e um olhar meigo

CONTO

por

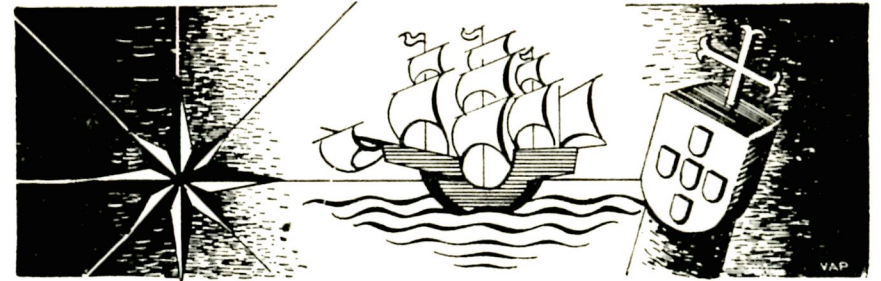
EGÍDIO ÁLVARO

SEPARATA DO N.º 73 DO ANO XIX
DO BOLETIM CULTURAL DA GUINÉ PORTUGUESA



BISSAU

1 9 6 4



O calor, o abandono e um olhar meigo

CONTO

por
EGÍDIO ÁLVARO

TINHAM caído as últimas chuvas e o Sol recomeçara o seu interminável assalto à frescura, devorando ferozmente a vitalidade pura da natureza. A verdura irrompia do chão ensopado, estonteante, violenta, jovem, galgava a berma das estradas, crescia nos caminhos, precipitava-se pelas árvores, era mais azul num lugar mais amarelada noutro, flutuava nas águas paradas, crescia até no próprio corpo dos animais. Pujante e soberba, a vegetação era um insulto aos corpos suados, à moleza que envenenava o sangue, aos homens torturados pela humidade e pelo calor, eternamente empenhados numa luta de sobrevivência em que as derrotas, os adiantamentos, eram o hábito consentido e aceite.

À tardinha o calor diminuía. Pequenos entrecruzavam-se nas ruas da vila e os habitantes vinham passear, gozando a amenidade do ambiente, as brumas que, silenciosamente, se apoderavam da terra, o arvoredo recortado no contraluz doce do Sol que desaparecia, as aves cantando seus cantos únicos de amor e violência. Depois de ter

lutado durante todo o dia, fogo, laranja, ácido, ferocidade, fornalha, o Sol adoçava-se. Gradualmente, passava ao amarelo limão, ao laranja da maturação, ao carmim suave e nostálgico do sangue. Depois desaparecia.

Grupos de crianças, brancos e pretos, corriam, gritos guturais nas bocas, cabelos soltos, caras lambuzadas, em brincadeiras desconhecidas. As mulheres dos comerciantes falavam dos mexericos, do tempo, do futuro, das recordações tenazes de outras terras, outras gentes, que as perseguem sempre no entardecer. Meninos iam pescar horas seguidas na ponte do pequeno rio que, agora galgava a estrada e corria em cachão e se estendia lânguidamente, em largo lençol, pela planície dócil da *bolanha*. Mulheres lavavam roupa em celhas feitas de barris cortados ao meio. Camisas e calções de soldados punham a sua mancha verde azeitona sobre o fundo das águas. Raparigas tomavam banho, em tronco nu, e riam sem qualquer razão visível.

Acendiam-se fiadas de luzes que se estendiam pelas ruas. Dum amarelo torrado, pálidas, esbatidas, lutavam contra as últimas clariades do dia. Ao longe as vacas regressavam às *tabancas*. Pachorrenemente, atravessavam o campo de aviação. Ouvia-se o ruído longínquo de um pilão. O cheiro das comidas quentes avançava, um pouco ténue de início, obsessivo depois. Nas varandas do primeiro andar das casas os homens reuniam-se em volta de mesas quadradas e, cansados, sem imaginação, procurando passar o tempo, jogavam às cartas. Da terra saíam baforadas de calor húmido. Um carro, ao passar, patinava na lama e esparrinhava a água dos charcos.

Pequena vila do interior da Guiné, sem divertimentos, sem variações, eternamente entregue ao mesmo ciclo de compra e venda, de mancarra e panos, de fartura e fome, de batuques e trabalho. Limite entre o Sul luxuriante e a fronteira leste ameaçando as secas e o deserto, meio termo entre a floresta de dois andares e lamaçais constantes e as extensões áridas, a lama gretada, as árvores retorcidas e secas pelo Sol e pelas queimadas, pequena, laboriosa vila, sentinela vigilante num posto avançado, ignorando se para trás ainda se encontra alguém.

GUEDES passeava, corpo amodorrado pelo calor húmido, evitando os charcos de água suja, a lama escorregadia, olhando insistentemente para o chão, espelho mágico onde surgiam, rápidas, as imagens da sua angústia, os clarões da sua indecisão. Nuvens baixas corriam em bandos loucos. Longe o motor rosnavia, cadenciando-lhe os pensamentos. Sob as lâmpadas prosaicas, com um prato de esmalte branco a reflectir a luz, traçavam os insectos suas danças rituais. Mulheres passavam, corpo velho e chato, pés espalmados. Ronronava o motor seus pensamentos que giravam em círculo. «Um problema tão velho», pensava, «um problema tão velho». Caminhou para além das luzes, para a zona misteriosa e densa da escuridão entrecortada por lanternas e candeeiros de petróleo, para a vida que pululava nas *moranças* apinhadas ao longo da estrada, para os risos breves das mulheres jovens, as palavras ásperas dos rapazes, o formigar confuso do anoitecer, o fim das refeições, o doce espectro da noite.

«Mas não estou nunca preparado para resolver os problemas. É sempre o mesmo espanto. Sempre a mesma indecisão brusca, tensa, angustiada». O céu, baixa, ameaçando ainda chuvas que naquela estação não voltariam a cair, oprimia-o. Sentia-se confuso. Tentava medir a sua própria situação particular pela situação de milhares, de milhões, e apenas conseguia desesperar numa caos sem saída. Pensava: «se por qualquer acaso obscuro eu desaparecer da face da terra, não se notará alteração alguma. Talvez apenas mais uma flor desabrochando na minha campa, ou alguns vermes transformando-se em garridas borboletas. Um ciclo mínimo e quase petrificado pelos tempos infundáveis, uma repetição monótona e já sem interesse.

E, contudo, eu luto pela realização de um destino. Sei que ele não será, certamente, grandioso, que está semeado das rugosidades das derrotas e das desilusões e, apenas espaçadas frescas fontes das alegrias. Sei que se nem sequer se cumprir nas ilusões mais modestas a perda não pesará na balança da humanidade. E, contudo, luto. Triste destino do homem isolado, sabendo-se insubstituível e único, apesar das mazelas, apesar do pobre corpo, apesar das imperfeições, apesar do sono e da preguiça, apesar de tanta luta inglória e tanta queda. Constelações humanas que duram o breve espaço de uma vida e logo explodem em esquecimento».

Ei-lo que caminha pisando os charcos e a areia empapada, escorregando levemente na lama quase viva, tão cheia de coisas vivas se encontra. Passa pelos grupos, pelas casas, pelas luzes, pelas árvores gigantescas. Arrasta consigo um problema. Medida simples de todas as coisas — ele —, só o problema é grande, quando debruçado para si mesmo. E logo é ridículo e mesquinho e banal quando um obstáculo o atrasa e o faz tomar consciência do mundo exterior.

E, contudo, é bem simples.

O calor, mais do que o prazer; o abandono, mais do que a necessidade; um olhar meigo, mais do que a atracção. Tudo isso e mais a sua condição de homem, chamaram-no. Pensaria no filho futuro? Pensaria na mulher e nas suas dores? Oh! Não! Foi apenas o calor, o abandono e um olhar meigo. E, depois, o hábito, bem ligado à sua necessidade de se entorpecer, de não pensar, de não correr atrás de recordações.

É, pois, bem simples. Terá um filho.

Regressa a casa, à hora dos contraluzes e dos insectos loucos. Come com vontade. E isso, quando toma, a espaços, consciência do problema que o oprime, é-lhe odioso. Mas é também um hábito. Um velho hábito da pequena vila. Comer bem e beber bem. Desferrar-se de necessidades passadas e de necessidades futuras. Uma galinha à cafreal, quente e saborosa, arroz com malagueta.

O criado ciranda, conversando, contando histórias curtas de coisas simples. Coisas que para ele, Guedes, espécie de regente agrícola, branco de trinta anos, nem culto nem inculto, sem objectivo preciso (por enquanto, cogita amiúde) são demasiado simples. Ou ele assim as torna. Um mágico que come vidro. Uma rapariga que fugiu para longe, atrás de um amor antigo. Um ladrão que foi apanhado e castigado. O batuque de anteontem. De novo o mágico, agora esmigalhando relógios a marteladas e apresentando-os em seguida, novos e sem mácula. Outra vez o mágico, tirando continuamente ovos da boca do ajudante.

— E então? — pergunta.

— Hoje há outro espectáculo. Vale a pena ir lá. — Responde o criado. — Se me der cinco pesos, também vou. — Acrescenta.

Sim, irão ambos. Não substituirá o cinema, de que se lembra com saudade. Mas preenche a noite. Será mais um subterfúgio a

interpor entre ele e a decisão final. Sim, mais um pequeno adiamento. Coisa pequena que ele pretende ser grande. Mas não é.

Passa pelo quartel. Soldados conversam, ociosidade controlada aguardando o regresso ao lar — tantas vezes brutal desilusão, mas sempre quimera doce, enquanto é longe e inatingível — vivendo de cartas e de cigarros, de conversas pouco variadas, de problemas sempre iguais e desinteressantes. Na Administração os cipaio aguardam nem eles sabem o quê, sentados na escadaria. Fulas e mandingas esperam também, acorados. Esperam o quê? Não sabe. Nem está interessado em saber.

Um mar de gente corre já para o celeiro. Perto, o motor continua a rosar, grave, baixo, potente. Crianças atropelam-se, tentando angariar pesos para pagar a entrada. Cipaio, felizes nas suas atribuições, impedem a entrada à multidão ainda sem bilhete, mas curiosa, tentando espreitar, adivinhar, participar. Numa bilheteira acotovela-se gentes, na meia obscuridade que as luzes tentam inútilmente vencer. Comerciantes avançam, proa branca rompendo entre as ondas negras. Atrás de Guedes, o criado com a cadeira. Soldados sorridentes, em pequenos grupos, discutem. A novidade agrada-lhes, apesar do seu ar de novidade pobre, quase de mistificação.

Compra os bilhetes e entra, seguido do criado e da cadeira. No celeiro, um calor horrível sufoca. Manda o criado colocar a cadeira. Já só conseguiu a quinta fila. Comerciantes ocuparam as outras, logo atrás das autoridades. São mais expeditos, conhecem todos os truques. As suas cadeiras estão no celeiro desde o fim da tarde.

O palco é um estrado de pranchas soltas colocadas sobre bidons. O pano de boca, longos lençóis esticados sobre um cordel grosso. A multidão avança. Aumenta o vozear confuso. Com cadeiras e bancos, os fulas tomam lugar. O espectáculo é uma festa, e eles vestem os fatos de fazer vista. Comerciantes e militares ocupam os lugares. O comerciante é a aristocracia da terra, o militar, é, quase, o poder e, pelo menos, a força. Benévola, sem dúvida.

Guedes cumprimenta. Mais um ritual, o cumprimento.

Chegam, com pequenos intervalos, as autoridades maiores, os dois pólos em torno de quem giram as esferas do futuro. Administrador e Capitão. Ambos trazem séquito. Assim é preciso. Assim convém. Soldados e cipaio fazem continências. Arrastam-se cadeiras.

Trocam-se sorrisos e saudações, esgares logo mortos apenas esboçados. Aumenta a vozeria. Olhos surgem nos buracos das paredes, espreitando. Há pequenas mas fezes escaramuças pela conquista de lugares.

Súbitamente, sem preparação nem fanfarras, o pano é corrido. Surge o mágico. Largo, enorme, um manto azul de bufão de feira cndeia-lhe em volta do corpo, caindo molemente em pregas desfeitas, contaminado pelo calor e pela humidade. Um turbante na cabeça, um sorriso na face negra, luzidia, endurecida pela tensão do início e da expectativa. Levanta um braço. Deixa-o cair um pouco, pois o burburinho não diminui. Levanta-o de novo e emite um som sibilante, pedindo silêncio. Os ajudantes estão dispersos pelo palco, onde se encontram duas mesas, duas cadeiras e uma espécie de divã. Estão muito direitos e sérios. Aguardam. Olham desinteressadamente para o público, não traindo qualquer sentimento.

— Um voluntário. — Pede o mágico.

A assistência, que ainda não acalmou, começa agora a prestar um pouco mais de atenção. Mas tudo se passa como se, na realidade, o espectáculo se desenrolasse na própria sala. Cruzam-se conversas, pequenos grupos fazem a sua festa particular. Quem se encontra atrás na enxerga.

Um cabo sobe ao bidão e é puxado para o palco pelos ajudantes do mágico. Guedes conhece-o. É um rapaz, um velho rapaz, na verdade, de bebedeiras mansas. Usa bigodes negros caídos aos cantos da boca. As sobrancelhas fazem um V de vértice para cima, o que lhe dá um aspecto de permanente espanto. É cómico por natureza. Vira-se para os amigos e faz um gesto de desculpa. Em atitudes dramáticas, o mágico deita-o no arremedo de divã. Tiram-lhe os sapatos.

Guedes desinteressa-se. O calor sufoca e um cheiro penetrante a suor dos corpos embebe a sala. É quase um vapor que flutua, tão denso e tão activo. Olha à sua volta. Uma rapariguinha negra está à sua direita, muito tesa e concentrada. Guedes, cuja cadeira é baixa, admira-lhe o perfil e deixa-se arrastar por divagações. Revê a mulher que traz no ventre o seu filho. Vê-se partindo para a metrópole. Ora se imagina só ora acompanhado. A mulher, contudo, está sempre ausente das suas partidas. Ela compreende. «Pessoal preto não vai

fazer nada para a terra de branco». Está ali muito bem. «— diz ela». Menino é que não. É grande vergonha. «Sim. É uma terra em que cada homem pode ter quantas mulheres conseguir comprar. E as mulheres não se olham como rivais. Nas relações humanas o amor ocupa um lugar secundário. Toda a espécie de amor. Assim, pois, um filho sem pai não é calamidade. Ninguém repara. Guedes abre a porta da evasão: «ninguém hostilizará o menino, se aqui ficar». O menino no ventre não é ainda o seu filho, mas o problema futuro. Ainda o não viu, ainda não o tem no coração.

Ouve-se um clamor na sala. O mágico acaba de, com um golpe enérgico, abrir a barriga dum dos assistentes. Exibe, triunfal, as tripas de um cabrito. A multidão das últimas filas delira.

«É uma paternidade ainda sem amor» — pensa Guedes. «É o resultado da precipitação, do isolamento, das longas horas de ócio deitado na minha cama e imaginando coisas, o resultado da falta de carinhos.»

Olha mais para trás, e lá está a mulher. Fita-o com um sorriso muito leve, muito leve, para ninguém desconfiar. É como se um traço invisível os unisse e ela não quisesse que ninguém nele tropeçasse para o não partir. Guedes vira-se logo para diante, mas sente pequenas barreiras cedendo no seu íntimo. A humildade da mulher comove-o. Sente que nada há de comum entre eles a não ser essa espécie de comoção. Sente que apenas a mágoa dos seus futuros sem glória os leva ainda a aproximar-se. E o filho.

O mágico diverte a assistência sem dificuldade, porque ela não estava ali senão para ser divertida e não se quer desiludir. Dá piparotes no nariz de um ajudante e retira-lhe ovos da boca. O ajudante olha para ele sem se mexer, como se ele próprio ficasse espantado com o que estava a acontecer. O mágico vira-se para outro ajudante, também muito direito, erecto, agita um véu transparente. Toca no ajudante e ele parece agora uma tábua.

Guedes olha obstinadamente para os sapatos e não chega a ouvir o Secretário comentando as magias. Está agora muito perto de tomar uma resolução. Está sozinho e começa a compreender, embora nebulosamente, que se falhar na solução nunca mais se perdoará. E ficará para sempre vergado ao peso de um passo errado que não poderá desfazer. Vira-se abertamente para trás e sorri para a mulher. Ela

está extasiada, olhando para o palco, não perdendo nem um pormenor do que se está a passar. Ouvem-se marteladas. Guedes, intrigado, retoma consciência do espectáculo. O mágico entrou nos números grandes do programa. Pediu relógios e diverte-se a martelá-los, bem envoltos em lenços brancos. Soldados cooperam, desferindo grandes golpes. Os donos dos relógios sentem arrepios. Guedes sorri, um sorriso frouxo e sem participação no entusiasmo geral. Faz um gesto à mulher que, finalmente compreende. Está ansioso por que aquilo termine. Grossas bagas de suor percorrem-lhe o corpo. Vem-lhe à boca o sabor da galinha e do vinho e do café. Mas, paralelamente ao mal estar físico, começa a sentir-se mentalmente mais calmo. É agora, de novo, mais um elo na longa cadeia de coisas que se unem para constituir a pequena vila. Pertence também ao ambiente, à paisagem, ao arvoredo, ao Sol escaldante, às rapariguinhas ágeis que lavam roupa no rio, aos animais que ruminam nos matos, às ariscas peças de caça, aos habitantes com suas vidas entrecruzadas, ao próprio aspecto calmo da vila pouco importante.

Pertence também um pouco ao mágico que come vidros de copos depois de os esmigalhar à vista de todos, depois de passar os fragmentos de mão em mão. Adere mesmo ao entusiasmo geral e, pela primeira vez naquela noite, não se sente estranho. É também, agora, um espectador interessado que se interroga sobre a natureza do truque do mágico.

Este, no palco, rabisca em três papéis. Dá um a cada ajudante, enrolado, e volta-se para o público. Pede silêncio; rodando os olhos vagarosamente. Volta-se então para os ajudantes. Estes, entreolhando-se, desenrolam os papéis. Cada um tem uma letra. O total dá FIM. Incrédulos, os homens fazem um pouco de algazarra. Mas a debandada começara já. Andam cadeiras no ar, transportadas por rapazes. Acotovelavam-se vigorosamente os fulãs, tentando transpor a porta, alegres, satisfeitos.

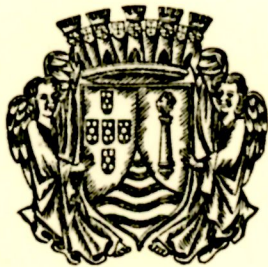
Guedes alcança a mulher já na rua. Uma aragem muito suave refresca a noite. Grilos esfregam furiosamente os élitros. A noite regurgita de ruídos, de músicas, de cantos, de gargalhadas, de passos, de portas batendo, de motores, de pios de pássaros assustados. Grossas núvens correm rente à copa das calabaceiras. Poilões desaparecem em charcos de escuridão. As luzes reflectem-se nas águas paradas.

O motor arfa, cansado. Na intimidade do escuro, Guedes segura a mulher Acaricia-lhe a face, num gesto maquinal.

— Está descansada — diz —. Eu tratarei do menino.

E afasta-se, mergulhando no seio da noite e dos ruídos e das mil coisas que vivem e se movem, enchendo a vila de um ritmo impalpável e opressivo.





IMPRESA
PORTUGUESA
PORTO